

## **HISTÓRIA DE VIDA, GÊNERO E DIVERSIDADES**

### **NARRATIVAS E CONCEPÇÕES DE GÊNERO E SEXUALIDADE DE DUAS PROFESSORAS DE VIOLONCELO ATUANTES EM UNIVERSIDADES FEDERAIS**

**Yanaêh Vasconcelos Mota**

Universidade Federal do Ceará - Campus Sobral - UFC-Sobral  
yanaeh.mota@ufc.br

**Mário André Wanderley Oliveira**

Universidade Federal do Rio Grande do Norte - UFRN  
mario.andre@ufrn.br

Financiamento: O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - Brasil (CAPES) - Código de Financiamento 001

#### **Resumo**

Neste texto, abordamos parte do material empírico coletado em uma pesquisa de mestrado em Música, realizada entre 2018 a 2020, que se propôs a investigar o Desenvolvimento Profissional Docente de duas professoras de violoncelo atuantes em universidades federais, com foco em suas concepções sobre gênero e diversidade sexual na/para a formação em música. Os objetivos específicos incluíram conhecer suas narrativas de formação em música, explorar suas trajetórias profissionais, identificar as relações entre suas formações e atuações profissionais, e destacar suas experiências e reflexões sobre gênero e diversidade sexual no contexto da música. A pesquisa fundamentou-se teoricamente em Judith Butler (2003), com proposições sobre gênero e sexualidade, e em António Nóvoa (1992; 2003; 2009), com proposições sobre desenvolvimento profissional docente. Metodologicamente, o estudo adotou uma abordagem qualitativa, lançando mão de entrevistas narrativas, em sua primeira fase, de entrevistas semiestruturadas e de levantamento documental, na segunda fase. Neste trabalho, daremos destaque à primeira fase da pesquisa, focalizando nas entrevistas narrativas realizadas entre janeiro e março de 2019. Segundo Pineau (2006), as narrativas orais são um relato singular e plural, permeadas por aspectos históricos, que nascem de um movimento duplo: quem narra se fecha em um ato de reflexão e, em seguida, se abre para a pessoa interlocutora. Josso (2004) descreve o processo de construção de uma narrativa oral em etapas, desde a preparação individual até a socialização oral, onde são colhidas as narrativas. No caso do estudo aqui apresentado, antes das entrevistas, foi elaborado um roteiro de entrevista narrativa que permitiu

que a entrevista fluísse pela ordem do discurso da pessoa entrevistada, evitando imposições restritivas. Este processo cria um espaço heurístico complexo, onde tanto o entrevistado quanto o entrevistador são atores ativos no processo de construção do relato (DELORY-MOMBERGER, 2012). Durante as entrevistas, provocações foram realizadas no decorrer do diálogo e respostas nas quais as colaboradoras se mostraram ora reticentes, ora empolgadas, evidenciando a flexibilidade e dinamismo do instrumento. A prática da escuta sensível, conforme preconizado por Passeggi, Nascimento e Oliveira (2016), foi adotada ao longo do processo, reconhecendo a historicidade e o pertencimento social de cada participante. Cada entrevista narrativa compreendeu três partes centrais: a questão narrativa orientada autobiograficamente, a exploração dos fragmentos narrativos pela entrevistadora e o incentivo à descrição abstrata de situações e contextos sistemáticos (JOVCHELOVITCH; BAUER, 2002). As transcrições das entrevistas realizadas foram compiladas em um Caderno de Entrevistas e foram analisadas utilizando princípios da Análise Textual Discursiva (MORAES, 2003). As entrevistadas receberam os pseudônimos Simone e Caroline. As colaboradoras compartilharam semelhanças em suas formações acadêmicas e pessoais, mas divergiram em suas perspectivas profissionais e abordagens em relação ao gênero e diversidade sexual. Foi possível perceber que as professoras possuem similaridades: descendem de estrangeiras/os; nasceram em regiões diferentes daquela em que atuam profissionalmente, não possuem filhos/as; têm formação em bacharelado em música e em *performance* musical. Muitas das diferenças observadas deveu-se, possivelmente, ao fato de serem de gerações diferentes e descendentes de grupos étnicos distintos; por estarem localizadas em pontos distintos no ciclo de vida docente; e, afinal, por serem pessoas com percursos de vida diferentes. Suas concepções sobre gênero e diversidade sexual remetem diretamente às suas trajetórias de formação e transbordam para sua prática pedagógica, mesmo que de forma sutil. Os relatos das colaboradoras, que evidenciam o lugar de suas mães (ambas professoras) nas suas iniciações à docência. Caroline, ao admitir-se como “privilegiada” e ao narrar sua história de formação (permeada por professoras particulares de instrumento, estudo em universidade particular e experiência no exterior), pareceu situar-se em uma fase diferente de Simone, que começou o seu estudo de violoncelo em um projeto social e deu continuidade aos seus estudos somente em universidades públicas. Estas experiências no início do estudo de instrumento podem ter refletido nas maneiras de perceber a realidade de seus/suas alunos/as. Em relação às concepções

sobre gênero e sexualidade das colaboradoras, as experiências diferem entre si, uma vez que Simone esteve imersa em discussões políticas, feministas e educacionais desde criança, ao passo que Caroline pareceu, em seus momentos de entrevista, ter interesses distantes desses temas, demonstrando atentar-se, primordialmente, a aspectos técnicos e interpretativos do violoncelo. Simone observa que os temas refletem na atuação profissional docente. Em perspectiva quase antagônica, Caroline pontua que talvez seja importante a presença dos temas para a formação profissional em música, mas acredita que os temas não são questões da área de música. Cabe, dessa forma, depreender que “as crenças e concepções teóricas implícitas que os professores têm acerca de um fazer pedagógico podem sinalizar a maneira como eles processam as informações, como percebem as formas de intervenção didática” (ISAIA; BOLZAN, 2004). Observamos que, em concordância com Louro (1997, p. 81), a sexualidade e o gênero estão presentes na universidade e, sobretudo, na formação em música, uma vez que fazem parte dos sujeitos e não são artifícios que possam ser esquecidos, ignorados, apagados a depender do contexto em que se está. Ao misturar concepções pessoais, advindas de suas trajetórias de formação, à prática docente, borram-se as fronteiras entre tais eixos.

### Referências:

BUTLER, Judith. *Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade*. Tradução Renato Aguiar. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.

ISAIA, Silvia Maria de Aguiar; BOLZAN, Doris Pires Vargas. Formação do professor do ensino superior: um processo que se aprende? *Educação*, Santa Maria, v. 29, n. 2, p. 121-33, 2004.

JOSSO, Marie-Christine. *Experiências de vida e formação*. São Paulo: Cortez, 2004.

JOVCHELOVITCH, Sandra; BAUER, Martin. Entrevista narrativa. In: BAUER, Martin; GASKELL, George. *Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som: um manual prático*. Petrópolis: Vozes, 2002. p. 90-113.

LOURO, Guacira Lopes. *Gênero, sexualidade e educação: uma perspectiva pós-estruturalista*. Petrópolis: Vozes, 1997.

MORAES, Roque. Uma tempestade de luz: a compreensão possibilitada pela análise textual discursiva. *Ciência & Educação*, Bauru, v. 9, n. 2, p. 191-210, 2003.

NÓVOA, António. Formação de professores e profissão docente. In: NÓVOA, António. (Coord.). *Os professores e a sua formação*. Lisboa: Nova Enciclopédia, Publicações Dom Quixote, 1992.

NÓVOA, António. *Currículo e docência: a pessoa, a partilha e a prudência*. 2003. Disponível em: <[https://repositorio.ul.pt/bitstream/10451/4816/1/8575161121\\_1\\_11.pdf](https://repositorio.ul.pt/bitstream/10451/4816/1/8575161121_1_11.pdf)>. Acesso em: 28 jul. 2019.

NÓVOA, António. Para uma formação de professores construída dentro da profissão. Lisboa, *Revista Educación*, n. 350, p. 2-10, set.-dez. 2009.

PINEAU, Gaston. As histórias de vida em formação: gênese de uma corrente de pesquisa-ação-formação existencial. São Paulo, *Educação e Pesquisa*, v.32, n.2, p. 329-343, maio/ago. 2006.

.